

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3816-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda. (edição brasileira), 1999

A dama de espadas: prosa e poemas (prosa) © Boris Schnaiderman, 1999

A dama de espadas: prosa e poemas (poemas)

© Nelson Ascher e Boris Schnaiderman, 1999

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL, E CONFIGURA UMA APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Imagem da capa:

Desenhos a bico-de-pena de Aleksandr Púchkin (1799-1837)
aquarelados por Cynthia Cruttenden

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão:

Alexandre Barbosa de Souza

1ª Edição - 1999, 2ª Edição - 2006 (1ª Reimpressão - 2008)

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil)

Púchkin, Aleksandr, 1799-1837

P477d A dama de espadas: prosa e poemas / Aleksandr

Púchkin; tradução de Boris Schnaiderman e Nelson

Ascher — São Paulo: Ed. 34, 1999.

264 p.

ISBN 85 7326-133-1

I. Fleção russa. 2. Poesia russa. I. Schnaiderman,
Boris. II. Ascher, Nelson. III. Título. IV. Série.

CDD - 891.78

O CHEFE DA ESTAÇÃO

*O registrador colegial,¹
Ditador da estação de posta.*

Príncipe Viázemski²

Quem não maldisse um dia os chefes de estação, quem não brigou com eles? Quem, num momento de furor, não lhes exigiu o livro fatal, para inscrever nele a sua inútil queixa contra a prepotência, a brutalidade e a incúria? Quem não os considera monstros da espécie humana, idênticos aos falecidos sub-amanuenses³ ou pelo menos aos bandoleiros de Múrom? Sejamos, todavia, justos e procuremos colocar-nos na sua posição, e talvez os consideremos então com muito maior condescendência. O que é um chefe de estação? Um verdadeiro mártir de décima-quarta classe, defendido pelo seu título unicamente contra agressões corporais, e assim mesmo nem sempre⁴ (confio-me a consciência dos meus leitores). Em que consiste o emprego desse ditador, como o chama em tom de mofa o príncipe Viázemski? Não é um verdadeiro trabalho forçado? Não há sossego de dia nem de noite. O viajante descarrega sobre o chefe de estação toda a irritação acumulada

¹ Um dos postos da hierarquia burocrática da época.

² P. A. Viázemski (1792-1878). Na epígrafe, Púchkin modificou ligeiramente os seus versos.

³ Categoria inferior de funcionários (*pod'iátchi*) que existiu na Rússia nos séculos XVI e XVII.

⁴ Conforme nota à edição russa editada pela Academia de Ciências da U.R.S.S., um regulamento de 1808 proibia ofensas aos chefes de estação (definidos como funcionários de décima-quarta classe), quando no exercício do cargo.

durante a viagem aborrecida. O tempo esteve insuportável, a estrada ruim, o cocheiro teimoso, os cavalos recusaram-se a puxar o carro, e a culpa é do chefe de estação. Entrando na sua pobre morada, o itinerante olha para ele como para um inimigo; ainda bem se o chefe consegue livrar-se logo do hóspede não convidado, mas, se acontece não haver cavalos?... Meu Deus! Que insultos, que ameaças se descarregam sobre a sua cabeça! Com chuva e umidade, é forçado a correr ao relento; em plena tempestade, com o frio de fim de ano, vai para a saleta de entrada, a fim de descansar ao menos por um instante dos gritos e empurrões do passageiro irritado. Chega um general; o trêmulo chefe de estação entrega-lhe as duas últimas tróicas entre as quais a da posta. O general parte sem dizer obrigado. Cinco minutos depois: tilintar de guizos!... e um estafeta oficial lhe atira sobre a mesa o seu salvo-conduto!... Compenetremo-nos bem disso tudo, e em lugar de indignação, o nosso coração ficará repleto de uma compaixão sincera. Mais algumas palavras: durante vinte anos seguidos, percorri a Rússia em todos os sentidos; conheço quase todas as estradas e algumas gerações de cocheiros; são raros os chefes de estação que eu não conheça de vista ou com quem não tivesse relações; espero editar em breve este acervo curioso das minhas observações de estrada; por enquanto, direi somente que a classe dos chefes de estação foi apresentada à opinião pública sob o aspecto mais falso. Esses tão caluniados funcionários são, de modo geral, gente pacífica, serviçal por natureza, propensa à sociabilidade, modesta em suas pretensões e honrarias e não demasiado gananciosa. Das suas conversas (que são indevidamente desdenhadas pelos senhores viajantes), pode-se extrair muito de curioso e instrutivo. Quanto a mim, confesso que prefiro a sua palestra às falas de algum funcionário de sexta classe, viajando a serviço.

Pode-se adivinhar facilmente que tenho amigos entre a digna categoria dos chefes de estação. Com efeito, a memória de um deles me é preciosa. As circunstâncias nos aproxi-

maram um dia, e é sobre ele que pretendo cavaquear agora com os meus amáveis leitores.

Aconteceu-me, em maio de 1816, atravessar a província de... por uma estrada atualmente abandonada. Tinha então um posto modesto, estava viajando em carro de posta e pagava o aluguel de dois cavalos.⁵ Em virtude disso, os chefes de estação não faziam cerimônia comigo, e freqüentemente eu tomava à viva força aquilo que a meu ver cabia-me de direito. Sendo jovem e impulsivo, indignava-me com a baixeza e covardia do chefe, se este entregava a tróica que fora preparada para mim, a fim de ser atrelada à carruagem de algum funcionário de categoria. Por muito tempo, igualmente, não pude habituar-me a que o servo criterioso passasse por mim sem me servir, num banquete em casa do governador. Atualmente, ambos estes fatos me parecem enquadrados na ordem das coisas. Realmente, o que seria de nós, se em vez da regra cômoda para todos: *o título respeita o título*, se introduzisse em uso uma outra, por exemplo: *a inteligência respeita a inteligência*? Que discussões não surgiriam! E por quem começariam os criados a servir a comida? Mas eu volto à minha história.

Fazia calor. A três verstas da estação de..., começou a choviscar, e logo depois uma chuva torrencial me encharcou até o último fio de roupa. Chegando à estação, o meu primeiro cuidado foi mudar as vestes o quanto antes, e o segundo pedir chá. “Eh, Dúnia⁶ — gritou o chefe da estação. — Põe o samovar e vai buscar nata.” A essas palavras, uma menina de uns quatorze anos saiu de trás de um tabique e correu para o vestíbulo. A sua beleza me surpreendeu. “É tua filha?” — perguntei ao chefe. “Sim, filha — respondeu ele, com um ar de amor-próprio satisfeito —, e tão sensata, tão esperta, igual-

⁵ Viajando a serviço, os funcionários eram autorizados a alugar um número de cavalos correspondente à importância do cargo.

⁶ Diminutivo de Avdótia.

zinha à falecida mãe.” Nesse ponto, ele se pôs a copiar o meu salvo-conduto, enquanto eu me ocupava em examinar os quadrinhos que enfeitavam a sua modesta, mas asseada habitação. Eles representavam a história do filho pródigo. No primeiro, um velho respeitável, de gorro e roupão, deixa partir um jovem inquieto, que aceita apressadamente a sua bênção e um saco de dinheiro. No seguinte, representa-se com traços vivos o comportamento dissoluto do jovem: está sentado à mesa, rodeado de falsos amigos e mulheres desavergonhadas. Adiante, o jovem que malbaratou todo o seu dinheiro, está esfarrapado e de tricórnio, pastando porcos e repartindo com eles a refeição; em seu rosto, estão representados o arrependimento e profunda tristeza. Finalmente, representa-se o seu regresso à casa paterna; o bom velho corre ao seu encontro, usando o mesmo gorro e o mesmo roupão; o filho pródigo está ajoelhado, em perspectiva, vê-se um cozinheiro matando um vitelo gordo, enquanto o irmão mais velho interroga os criados sobre o motivo de tal alegria. Debaixo de cada quadrinho, li razoáveis versos alemães. Tudo isto se conservou até hoje em minha memória, juntamente com os vasos de balsamina, o leito com uma cortina vistosa e os demais objetos que me rodeavam então. Vejo como se fosse agora o próprio dono da casa, um cinqüentão vigoroso e animado, e a sua longa sobrecasaca verde, com três medalhas sobre fitas desbotadas.

Ainda não acabara de pagar o meu velho cocheiro, quando Dúnia voltou com o samovar. A pequena faceira notou ao segundo olhar a impressão que me causara; baixou os grandes olhos azuis; pus-me a conversar com ela, que me respondia sem qualquer timidez, como uma moça que já conhece a sociedade. Ofereci ao pai um copo de ponche; passei a Dúnia uma xícara de chá, e ficamos cavaqueando os três, como se nos conhecêssemos há séculos.

Os cavalos já estavam há muito preparados, mas eu ainda não queria despedir-me do chefe da estação e de sua filha.

Finalmente me despedi; o pai desejou-me boa viagem, e a filha me acompanhou até a telega. Detive-me no vestíbulo e pedi licença de beijá-la; Dúnia concordou... Posso contar muitos beijos em minha vida

Desde que tenho tal ocupação,

porém nenhum outro me deixou lembrança tão duradoura e agradável.

Decorreram alguns anos, e as circunstâncias me levaram àquela mesma estrada, às mesmas paragens. Lembrei-me da filha do velho chefe de estação e me alegrei com o pensamento de que tornaria a vê-la. Mas, pensei, talvez o velho já tenha sido substituído; Dúnia já está provavelmente casada. A idéia da morte de um ou de outra também me passou pela mente, e eu me aproximava da estação de... com um triste pressentimento.

Os cavalos detiveram-se junto à casinha da posta. Entrando na sala, reconheci imediatamente os quadrinhos que representavam a história do filho pródigo; a mesa e a cama estavam nos primitivos lugares, mas não havia mais flores nas janelas, e tudo em volta denotava decrepitude e relaxamento. O chefe da estação dormia debaixo de um *tulup*; acordou com a minha chegada, soergueu-se... Era de fato Samson Vírin. Mas, como estava envelhecido! Enquanto se preparava para copiar o meu salvo-conduto, fiquei olhando para as suas cãs, para as fundas rugas do rosto há muito não barbeado, para as costas arqueadas, e não podia deixar de me surpreender como três ou quatro anos puderam transformar um homem bem disposto num velho débil. “Não me reconheces? — perguntei-lhe. — Somos velhos conhecidos.” “É possível — respondeu com ar carrancudo —, a estrada é grande e muitos passageiros já passaram por aqui.” — “A tua Dúnia vai bem de saúde?” — prossegui. O velho franziu o sobreceixo. “Deus sabe” — respondeu. — “Quer dizer que está casada?” — perguntei. O velho fingiu não ter ouvido a pergunta, e con-

tinuou a ler em murmúrio o meu salvo-conduto. Parei com as indagações e mandei preparar o chá. A curiosidade começava a incomodar-me, e eu tinha esperança de que o ponche desatasse a língua do meu velho conhecido.

Não me enganara: o velho não recusou o copo que lhe ofereci. Notei que o rum atenuava o seu ar sombrio. Com o segundo copo, tornou-se loquaz; lembrou-se, ou fingiu lembrar-se de mim, e eu ouvi dele um relato que me interessou e comoveu profundamente.

“Então o senhor conheceu a minha Dúnia? — começou ele. — Mas quem não a conheceu? Ah, Dúnia, Dúnia! Que moça que ela era! Cada um que passasse, sempre a elogiava, ninguém lhe fazia uma censura. As senhoras a presenteavam, esta com um lençinho, aquela com uns brincos. Os senhores de passagem paravam de propósito, como se fosse para jantar ou cear, mas na realidade somente para olhá-la por mais tempo. Muitas vezes, um senhor importante, por mais zangado que estivesse, calava-se diante dela e passava a falar bondosamente comigo. Acredita, senhor? Portadores de mensagens e estafetas oficiais conversavam com ela meia hora. A casa mantinha-se graças aos seus cuidados: arrumar, cozinhar, dava conta de tudo. E eu, velho tonto, não cessava de olhá-la e de me alegrar. Não amava eu a minha Dúnia? Não mimava a minha filha? Não tinha ela vida boa? Mas não se evita o que está predestinado.” Nesse ponto, começou a contar-me pormenores do infortúnio. Três anos atrás, numa noite de inverno, quando ele estava marcando as pautas de um livro novo e a filha costurando um vestido atrás do tabique, chegou uma tróica e entrou na sala, exigindo cavalos, um viajante enrolado num xale, de chapéu circassiano e capote militar. Os cavalos estavam todos fora. Ouvindo esta notícia, o viajante levantou a voz e a chibata, mas Dúnia, que estava habituada a tais cenas, veio correndo de trás do tabique e dirigiu-se afavelmente ao recém-chegado, perguntando-lhe se queria comer alguma coisa. O aparecimento de Dúnia produ-

ziu o efeito habitual. Passou a fúria do viajante; ele concordou em esperar os cavalos e encomendou a ceia. Tirando o chapéu molhado e felpudo, desemaranhando o xale e arrancando fora o capote, o viajante apareceu como um jovem e esbelto hussardo, de bigodinho negro. Instalou-se em casa do chefe e pôs-se a conversar alegremente com ele e com a filha, serviram a ceia. Nesse ínterim, chegaram os cavalos e o chefe ordenou que fossem imediatamente atrelados, mesmo sem ração, à *kibitka*⁷ do militar; mas, entrando novamente em casa, encontrou o jovem estendido sobre um banco, quase desmaiado; sentira-se mal, doía-lhe a cabeça, era impossível partir... O que fazer?! O chefe da estação cedeu-lhe a cama e combinou-se que, se o doente não se sentisse melhor, mandar-se-ia chamar, na manhã seguinte, um médico em S...

No dia seguinte, o hussardo sentiu-se pior. O seu criado foi a cavalo à cidade, para trazer o médico. Dúnia amarrou-lhe à cabeça um lenço molhado em vinagre e sentou-se com a costura junto ao seu leito. Em presença do chefe da estação, o doente gemia e quase não dizia palavra, mas tomou duas xícaras de café e, gemendo sempre, encomendou o jantar. Dúnia não se afastava dele. A cada instante, ele pedia de beber e a moça dava-lhe uma caneca de limonada preparada por ela. O doente molhava os lábios e cada vez, ao devolver a caneca, apertava com a sua mão fraca, em sinal de agradecimento, a mão de Dúnia. O médico chegou à hora do jantar. Segurou o pulso do doente, conversou com ele em alemão, e declarou em russo que o enfermo precisava unicamente de sossego e que uns dois dias depois poderia prosseguir viagem. O hussardo pagou-lhe vinte e cinco rublos pela consulta e convidou-o para jantar; o outro concordou; ambos comeram com muito apetite, tomaram uma garrafa de vinho e despediram-se muito satisfeitos um com o outro.

⁷ Espécie de carro coberto.

Passado mais um dia, o hussardo se reanimou de todo. Estava extraordinariamente alegre e gracejava sem cessar, ora com Dúnia, ora com o chefe da estação; assobiava canções, conversava com os viajantes, copiava os seus salvo-condutos no livro da posta, e fez com que o bondoso chefe se afeiçoasse a ele a tal ponto que na manhã do terceiro dia lamentava precisar despedir-se do seu amável inquilino. Era domingo; Dúnia preparava-se para a missa. Trouxeram a *kibitka* do hussardo. Ele despediu-se do chefe da estação, depois de recompensá-lo generosamente pela casa e pela comida, despediu-se também de Dúnia, e se propôs a levá-la até a igreja, que ficava na extremidade da aldeia. Dúnia permanecia perplexa... “Do que é que tens medo? — disse-lhe o pai. — Sua Alta Nobreza não é um lobo e não vai te devorar. Vai com ele até a igreja.” Dúnia sentou-se na *kibitka* ao lado do hussardo, o criado pulou para a boléia, o cocheiro assobiou e os cavalos partiram a galope.

O pobre chefe não compreendia como pudera ele mesmo permitir à sua Dúnia ir com o hussardo, como ficara cego a tal ponto, e o que se fizera naquele instante da sua razão. Não passara nem meia hora, e o coração começou a molestá-lo e a inquietação apoderou-se dele com tal intensidade que não se conteve e foi à missa. Aproximando-se da igreja, viu que o povo já se espalhava, mas Dúnia não estava nas proximidades do muro exterior, nem no adro. Entrou apressadamente na igreja: o sacerdote estava saindo do altar; o sacristão apagava as velas, duas velhinhas ainda permaneciam rezando num canto; mas Dúnia não estava na igreja. O pobre pai a muito custo se decidiu a perguntar ao sacristão se ela estivera na missa. O outro respondeu-lhe negativamente. O chefe da estação foi para casa, nem morto nem vivo. Ficara-lhe uma única esperança: talvez Dúnia, com a leviandade própria da idade, tivesse resolvido dar um passeio até a estação seguinte, onde vivia a sua madrinha. Esperava com inquietação torturante o regresso da tróica em que a deixara ir. O

cocheiro não voltava. Finalmente, chegou ao anoitecer, sozinho e embriagado, com a notícia terrível: “Dúnia partiu daquela estação com o hussardo, para mais longe”.

O velho não pôde suportar o infortúnio; no mesmo instante, deitou-se em sua cama, que fora ocupada na véspera pelo jovem embusteiro. Agora, analisando todas as circunstâncias, adivinhava que a doença fora fingida. O coitado caiu com uma febre alta; levaram-no para S..., e, em seu lugar, designaram temporariamente um outro. Foi tratado pelo mesmo médico que fora visitar o hussardo. Ele afiançou ao chefe de estação que o jovem estivera com perfeita saúde, e que ainda naquele dia ele suspeitara da malévola intenção do rapaz, mas que se calara por temor à sua chibata. Quer o alemão dissesse a verdade, quer apenas pretendesse vangloriar-se da sua sagacidade, não consolou um pouco sequer, com isto, o pobre doente. Mal se restabeleceu, este pediu ao chefe dos Correios de S... uma licença de dois meses, e sem comunicar a pessoa alguma a sua intenção, partiu a pé, à procura da filha. Pelo salvo-conduto que ele copiara, sabia que o Capitão Mínski estava viajando de Smolénsk para Petersburgo. O cocheiro que o levava disse que Dúnia chorava em todo o percurso, embora parecesse viajar por sua livre vontade. “Talvez — pensava o chefe de estação — eu traga para casa a minha ovelhinha desgarrada.” Com este pensamento, chegou a Petersburgo, onde se alojou no regimento Ismáilovski, em casa de um subtenente reformado, seu velho companheiro de serviço, e começou as buscas. Em breve, soube que o Capitão Mínski estava em Petersburgo e que morava na hospedaria de Diemutov. Decidiu-se a procurá-lo.

De manhã cedo, chegou ao vestíbulo do seu apartamento, e pediu comunicar a Sua Alta Nobreza que um velho soldado queria vê-lo. O lacaios militar, engraxando uma bota sobre uma forma, declarou-lhe que o patrão estava dormindo, e que antes das onze não recebia ninguém. O chefe de estação retirou-se e voltou na hora marcada. Mínski em pes-

soa apareceu diante dele, de roupão e quepe vermelho. “O que queres, irmão?” — perguntou ele. O coração do velho estremeceu, lágrimas marejaram-lhe os olhos, e, com voz trêmula, disse apenas: “Vossa Alta Nobreza!... Faça-me uma graça divina!...”. Mínski lançou-lhe um rápido olhar, ficou vermelho, tomou-o pelo braço, levou-o para o escritório, fechando a porta atrás de si. “Vossa Alta Nobreza! — prosseguiu o velho. — Águas passadas não movem moinhos: devolva-me ao menos a minha pobre Dúnia. O senhor já se divertiu bastante com ela; não a desgrace sem motivo.” — “O que está feito, não se volta atrás — disse o jovem, extremamente confuso. — Sou culpado diante de ti, e estou satisfeito de te pedir perdão, mas não penses que eu possa abandonar Dúnia; ela será feliz, dou-te a minha palavra de honra. Para que precisas dela? Dúnia gosta de mim e está desacostumada da sua primitiva condição. Nem tu nem ela poderá esquecer o que aconteceu.” Em seguida, enfiou-lhe algo na manga, abriu a porta e o chefe de estação se viu na rua, sem saber como.

Permaneceu muito tempo imóvel, finalmente viu sob a aba da manga um rolo de papéis; retirou-os e desenrolou diante de si algumas notas amassadas de cinco e dez rublos. Lágrimas novamente lhe apareceram nos olhos — lágrimas de indignação! Comprimiu os papéis numa bolinha, jogou-os ao chão, amassou-os com o tacão e caminhou... Depois de alguns passos, parou, pensou um pouco... e voltou... mas as notas não estavam mais ali. Vendo-o, um jovem bem vestido correu para um carro de praça, sentou-se apressadamente e gritou: “Corre!”. O chefe de estação não o perseguiu. Resolveu ir para casa, para a sua estação de posta, mas antes disso queria ver ao menos uma vez mais a sua pobre Dúnia. Por isso, voltou uns dois dias depois à casa de Mínski; mas o laçao militar disse-lhe severo que o patrão não recebia ninguém, empurrou-o com o peito para fora do vestibulo e bateu-lhe com a porta no nariz. O chefe de estação permaneceu algum tempo ali e se retirou.

No mesmo dia, à noitinha, caminhava ele pela Litiéinaia, depois de ouvir missa na Igreja de Todos os Aflitos. De repente, passou na sua frente uma caleça elegante, a toda velocidade, e ele reconheceu Mínski. A caleça parou diante de uma casa de três andares, junto à escadaria de pedra, e o hussardo subiu correndo para o patamar. Um pensamento oportuno acudiu à mente do chefe de estação. Voltou e, chegando perto do cocheiro, perguntou: “De quem é esse cavalo, irmão? Não será de Mínski?”. — “Exatamente — respondeu o cocheiro. — Mas o que tens com isso?” — “O seguinte: o teu patrão mandou-me levar um bilhete à casa da sua Dúnia, mas eu esqueci onde ela mora.” “É aqui, no segundo andar. Chegaste tarde com o teu bilhete, irmão; agora, ele mesmo está lá.” — “Não faz mal — replicou o chefe de estação, o coração num movimento indefinível. — Obrigado pela informação, saberei fazer o que se deve.” Dito isso, subiu a escada.

A porta estava fechada; tocou a campainha; decorreram alguns segundos de uma espera angustiosa para ele. A chave reboou na fechadura, e abriu-se a porta. “É aqui que mora Avdótia Samsônovna?” — perguntou ele. “Aqui — respondeu a jovem criada. — Mas para que precisas dela?” Ele entrou na sala sem responder. “Não pode, não pode! — gritou-lhe a criada. — Avdótia Samsônovna está com visitas.” Mas ele caminhou em frente, sem a ouvir. Os dois primeiros quartos estavam às escuras, o terceiro iluminado. Acercou-se da porta aberta e se deteve. No quarto admiravelmente decorado, Mínski estava sentado, pensativo. Trajada com todo o luxo da moda, Dúnia sentava-se no braço da sua poltrona, como uma amazona em sua sela inglesa. Olhava para Mínski enternecida, enrolando os negros cachos dele nos seus dedos faiscantes. Pobre chefe de estação! Nunca a filha lhe parecera tão linda; extasiava-se com ela sem querer. “Quem está aí?” — perguntou ela sem erguer a cabeça. Ele permanecia calado. Não recebendo resposta, Dúnia levantou a cabeça... e caiu com um grito sobre o tapete. Mínski correu assustado

para levantá-la, e de repente, vendo no umbral o velho, deixou Dúnia e acercou-se dele trêmulo de raiva. “O que queres? — disse, apertando com força os dentes. — Por que te esgueiras sempre atrás de mim, como um salteador? Será que me queres apunhalar? Vai embora!” — e agarrando com mão forte o velho pela gola, empurrou-o para a escada.

Este foi para a casa em que se hospedara. O amigo aconselhou-o a apresentar queixa às autoridades; mas ele pensou um pouco e resolveu desistir de tudo. Dois dias depois, voltava de Petersburgo para a estação de posta, onde retomou o serviço. “Já é o terceiro ano — concluiu ele — que eu vivo sem Dúnia, e não ouço dela qualquer notícia. Deus sabe se está viva ou se morreu. Tudo acontece. Não é a primeira nem a última a ser seduzida por um maroto de passagem, e abandonada pouco depois. Em Petersburgo, há muitas dessas mocinhas tolas, que hoje andam de cetim e veludo, e amanhã, quando menos se espera, vão varrer a rua com a ralé dos botéquins. Quando penso, às vezes, que Dúnia pode ter caído assim, incorro em pecado sem querer e desejo a sua morte...”

Tal foi o relato do meu amigo, o velho chefe de estação, relato freqüentemente interrompido por lágrimas, que ele enxugava de modo pitoresco, com a aba da sobrecasaca, a exemplo do esforçado Tieriêntitch, na linda balada de Dmítriev.⁸ Essas lágrimas foram em parte provocadas pelo ponche, do qual ele ingerira cinco copos, no decorrer da narração; mas, de qualquer modo, elas me comoveram profundamente. Despedindo-me dele, durante muito tempo não pude esquecer o velho, nem deixar de pensar na pobre Dúnia...

Passando recentemente pelo lugarejo de..., lembrei-me do meu amigo; soube que a estação de posta chefiada por ele já fora extinta. Ninguém pôde dar-me resposta satisfatória à pergunta se estava vivo o velho chefe. Decidi visitar os lugares meus conhecidos, aluguei uns cavalos e dirigi-me à vila de N.

⁸ “Caricatura”, de I. I. Dmítriev (1760-1837).

Foi no outono. Nuvens cinzentas cobriam o céu; um vento frio soprava dos campos ceifados, carregando folhas vermelhas e amarelas das árvores. Cheguei à vila ao pôr do sol, e parei junto à casa da antiga estação de posta. Uma mulher gorda saiu para o vestíbulo (onde outrora a pobre Dúnia me beijara) e respondeu às minhas perguntas que o velho chefe da estação morrera um ano atrás, que em sua casa instalara-se um cervejeiro, e que ela era a esposa deste. Lamentei aquela viagem inútil e o gasto vão de sete rublos. “Do que foi que ele morreu?” — perguntei à mulher. “De tanto beber, paizinho” — respondeu-me. “E onde foi enterrado?” — “Fora da vila, junto à patroa dele.” — “Alguém me poderia levar até o seu túmulo?” — “Como não? Eh, Vanka!⁹ Chega de amolar o gato. Leva o patrão ao cemitério e mostra a ele o túmulo do chefe.”

A essas palavras um menino esfarrapado, ruivo e zarelho, correu ao meu encontro e me conduziu imediatamente para fora da vila.

— Você conheceu o defunto? — perguntei-lhe pelo caminho.

— Como não? Foi ele que me ensinou a recortar flautinhas. Às vezes (que a terra lhe seja leve!), vinha do botequim e nós atrás dele: “Vovozinho, vovozinho, avelãs!” — e ele nos dava avelãs. Gastava muito tempo com a gente.

— E os viajantes que passam, lembram-se dele?

— Agora, pouca gente passa por aqui; às vezes, vem o delegado, mas ele não se preocupa muito com defuntos. No verão, estive por aqui uma senhora, que perguntou pelo velho e foi ao túmulo dele.

— Que senhora? — perguntei curioso.

— Uma senhora linda — respondeu o moleque. — Veio numa carruagem de seis cavalos, com três pequenos senhoresinhos e mais a ama-de-leite, e ainda um cachorro preto; e

⁹ Diminutivo de Ivan.

quando disseram a ela que o velho morreu, chorou e disse às crianças: “Fiquem quietos, que eu vou ao cemitério”. Eu me ofereci para levá-la. Mas a senhora disse: “Eu conheço o caminho”. E me deu cinco copeques de prata... que senhora bondosa!...

Chegamos ao cemitério, um lugar nu, sem muro ou cerca, coberto de cruces de madeira, sem nenhuma árvore de sombra. Em toda a minha vida, nunca vi um cemitério tão triste.

— Aqui é o túmulo do velho chefe da estação — disse-me o menino, pulando para um monte de areia, em que estava cravada uma cruz negra, com uma imagem de cobre.

— E a senhora veio cá? — perguntei.

— Veio — respondeu Vanka. — Fiquei olhando para ela de longe. Ela se deitou aqui e passou muito tempo assim. Depois a senhora foi para a aldeia, chamou o pope, deu dinheiro a ele, e me deixou cinco copeques de prata... que senhora simpática!

Dei também cinco copeques ao menino e não lamentei mais a viagem, nem os sete rublos que eu gastara.